

UNIFESP

Escola de Fé e Política Waldemar Rossi

Mobilidade Urbana

Subprefeitura da Moóca

2019

Albino Barzi

Cilei Andrade Barzi

Genice Padilha

Maria Madalena Andrade

Maria de Fátima Menezes dos Santos

Sandra Ramalho

**Município de São Paulo**



**Distritos da Subprefeitura Mooca**

## Índice

Capa	1
Mapa da região	2
Ver	4
Julgar	7
Agir	11
Anexo	12
Bibliografia	13

## INTRODUÇÃO - VER

### CINCO MAIORES PROBLEMAS DA MOOCA

#### 1. Falta de áreas verdes

O bairro possui dez metros quadrados de vegetação por morador, índice cinco vezes menor que o da cidade, de 58 metros quadrados por habitante. O fator aumenta a aridez e eleva as temperaturas: a média anual da região varia entre 30 e 33 graus, segundo o Atlas Ambiental da Prefeitura de São Paulo. A Secretaria do Verde e do Meio Ambiente não tem previsão para uma nova área verde. A mais próxima surgida recentemente foi no Parque Benemérito José Brás, inaugurado neste ano, com 22.330 metros quadrados, na Rua Piratininga, já no Brás, mas bem perto da Avenida Alcântara Machado, que delimita a Mooca.

#### 2. Calçadas e ruas esburacadas

Uma das reclamações mais frequentes nas reuniões da Associação dos Moradores e Amigos da Mooca é sobre a má conservação das calçadas. A entidade aponta as ruas Adelaide de Freitas, São Rafael, Pedro Lucena e Ezequiel Ramos como as piores do bairro: um levantamento recente contou 37 pontos esburacados nos passeios destas quatro vias. A lei determina que os proprietários dos terrenos contíguos são os responsáveis pela manutenção dos locais, mas a fiscalização fica a cargo da prefeitura. Irregularidades rendem multas de até 510 reais.

#### 3. Coleta ineficiente de lixo reciclável e orgânico

Sacos com vários tipos de resíduo e até móveis velhos atravancam a circulação de pedestres em ruas importantes, como a Lituânia, a Manaus e a Valentim Magalhães. Além disso, galpões desativados na região têm sido usados como depósito irregular para os mais diversos materiais, causando mau cheiro e atraindo ratos e baratas. A subprefeitura da Mooca afirma que a limpeza é diária nos chamados “pontos viciosos”, áreas onde o descarte de entulho é recorrente. Mas moradores reclamam que a retirada chega a demorar quinze dias. Os móveis e não recicláveis devem ser entregues nos Ecopontos. O mais próximo da Moóca é o Ecoponto da Bresser.

#### 4. Iluminação precária

Vivem no breu cerca de vinte vias próximas ao Largo São Rafael, como as ruas Borges de Figueiredo, Camé, Canuto Saraiva, Conde Prates, João

Antônio de Oliveira e São Rafael. A Secretaria de Serviços, por meio do Departamento de Iluminação Pública (Ilume), diz que vai enviar equipes de manutenção aos locais para sanar as possíveis falhas na rede. Um programa para modernizar todo o sistema de iluminação pública da cidade está sendo elaborado pela prefeitura, mas ainda não há previsão para sua implantação.

## 5. Barulho excessivo

Alguns depósitos, fábricas, bares e comércios sem isolamento acústico localizados em áreas próximas do viaduto Professor Alberto de Mesquita Camargo, como na Rua Borges de Figueiredo, excedem o horário limite de funcionamento estipulado por lei. Em 2010, foram registradas 1.550 reclamações ao Programa de Silêncio Urbano (Psiu) em todo o distrito. Denúncias podem ser encaminhadas pelo telefone 156. Se for constatado o excesso de ruído — em zonas residenciais, o máximo varia entre 45 e 50 decibéis —, o proprietário poderá ser multado em até 30.606 reais. Numa segunda autuação, o estabelecimento corre o risco de ser fechado.

Diante dos 5 maiores problemas da Mooca, citados acima, o grupo viu a necessidade de trabalhar com a questão das calçadas esburacadas, e desenvolveram o tema Mobilidade na Mooca, através do olhar do pedestre, procurando trabalhar com calçadas acessíveis.

A Subprefeitura da Mooca está lançando um programa chamado Jornadas Urbanas. Esta iniciativa pretende propor uma solução aos problemas da região sendo o primeiro tema debatido as calçadas. O debate será dividido em dois dias para que todos os assuntos que compreendem a questão sejam abordados com mais ênfase e serão realizados nos dias 17 e 24 de Novembro de 2019 das 10:00 as 12:30 na unidade do serviço social do Sesc Belenzinho, para participar entrar em contato com telefone: 11 – 2292-2122 Ramais: 2070/2051/2053/2059 falar com Sueli, Rosana, Sandra.

Temas: 17/11/2019 - A prioridade é o pedestre

Temas: 24/11/2019 – Assuntos relativos à acessibilidade e calçadas verdes. Todos os veículos de imprensa estão desde já convidados a participarem do evento e aderir ao programa jornadas urbanas.

Planejar a estrutura da cidade e o seu desenvolvimento, resultará em mais qualidade de vida, e permitira a gestão municipal antecipar as saturações contemporâneas que as cidades apresentam, bem como traçar políticas públicas que previnam esses problemas e realçar os pontos fortes do município. Para isso, é primordial que o planejamento integre todas as áreas da administração municipal e seja fundamentado em indicadores, dados e estudos sobre o conjunto do território ( Distritos pertencentes a subprefeitura

da Mooca, Agua Rasa, Parí, Tatuapé, Brás e Belém) de modo que o conceito seja transversal para políticas de curto, médio e longo prazos do município.

## Julgar

Falar sobre Mobilidade é falar de nos movimentarmos porque o movimento é parte integrante do que somos. O desejo de nos mover vem desde o nascimento, passando pelo crescimento, onde estamos e vivemos e até o momento da nossa morte. Quando nos movemos criamos relações, encontramos outras pessoas e também somos encontrados pelos nossos irmãos e irmãs.

A Bíblia é mobilidade. É a História de um povo em movimento, por isso não é algo estático, ao contrário, é a divindade em movimento. Eis porque Ele vem até nós e nos visita (Gn 21,1; Ex 3,16; 4,30; Lc 1,68.78; 7,16). É um Deus que caminha conosco fazendo história em nossa história. E nós, seres humanos, somos a imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26-27); então, também nos movemos, caminhamos, visitamos... Os motivos pelos quais as pessoas ou grupos humanos se movimentam e se deslocam de um lugar para outro são os mais variáveis. Alguns movimentos são positivos e outros negativos. Assim como Abraão que partiu ouvindo o chamado de Deus (Gn 12,1-3), as pessoas se movem em busca de sonhos e realizações.

E assim, nas cidades modernas, diariamente multidões se deslocam de suas casas para o local de trabalho - ou em busca do trabalho, para as escolas, etc. O principal motivo que nos leva a tratar sobre a Mobilidade na Moóca não é diferente; um grande número de trabalhadores moradores precisa servir-se da mobilidade adequada para que o movimento por eles praticados seja algo gostoso e bonito, ir em busca do pão de cada dia e do sustento da família, encontrar-se com os companheiros e ver realidades diferentes.

No entanto, como são as condições dadas a quem necessita se deslocar nas ruas e calçadas da Moóca? Ali, infelizmente, por ora, pelo menos, a precariedade marca a mobilidade humana, principalmente para os idosos, os deficientes e mães que precisam utilizar carrinho de crianças ou cadeiras de roda, e mesmo simplesmente andar pelas calçadas.

A realidade que constatamos é esta: ônibus lotados, poucos horários das rotas urbanas, pessoas tendo que viajar em pé, não raro esmagadas pelo excesso de passageiros, horas de espera, pontos sem proteção, linhas que passam distantes de onde o povo mora e/ou trabalha e estuda, preços absurdos das passagens, etc.

Além disso o morador no bairro da Moóca sofre demasiadamente para ir ao trabalho e para retornar para casa. O tempo que se perde no trânsito é tempo

que poderia ser aproveitado para a vida em família, para o descanso e lazer ou para outras atividades.

De outro lado constatamos que o modelo de Mobilidade que a Moóca apresenta favorece o transporte automotivo individual que gera longos engarrafamentos e aumenta a poluição do bairro. O modelo de urbanização que não proporciona segurança é outro grave problema que torna a mobilidade no bairro precária e perigosa. Outra realidade dura também é a vivenciada pelos pedestres, devido à falta de passarelas, sinalização ou respeito por parte dos motoristas e a falta de manutenção dos passeios públicos. Tudo isso provoca acidentes que causam mortes, ceifam sonhos, juventudes e deixam tantas pessoas feridas, como se pode comprovar pelas estatísticas oficiais.

Movimentar-se entre ruas e calçadas da Moóca torna-se um sofrimento para seus moradores, uma triste aventura.

As multidões que se espremem e se esmagam nos coletivos, trens, metrô ou a pé fazem com que a vida dada por Deus perca a sua dignidade, tornando-a sofrida e amarga. Por isso, é de dentro desses meios de transporte superlotados - mas não só - que sobe até Deus o mesmo grito de dor como aquele clamor do povo na escravidão do Egito. “Nosso Deus ouve este grito, vê esta realidade dramática, conhece esta situação”. (Ex 3,7-8).

Na dura escravidão do Egito, a vida do povo tornou-se “dura e amarga” (Ex 1,11.14). O povo queria caminhar ao deserto e celebrar e foi impedido pelo faraó (Ex 5,1-5). Os opressores, além de impedir o povo de movimentar-se, aumentaram a dureza do trabalho e ainda afirmavam que os hebreus “são uns preguiçosos” (Ex 5,9).

No entanto, Deus cumpriu as suas promessas e libertou o povo, caminhou e fez caminho pelo deserto, rumo à libertação, em direção à Terra prometida. A caminhada pelo deserto não foi tão fácil assim. Surgiram obstáculos: o mar para ser atravessado (Ex 14,1-31), a sede e a falta de água (15,22-27; 17,1-7), fome e falta de alimento (16,1-36), inimigos (17,8-16), divisões internas e falta de lideranças (18,1-27); gente que queria voltar atrás com saudade das cebolas do Egito (Nm 11,4-6; 14,1-4). Diante de todos esses obstáculos da caminhada, Deus esteve presente ajudando o povo a solucionar e continuar rumo à Terra Prometida.

No Novo Testamento, vemos que Jesus gostava de movimentar-se; caminhava, percorria cidades e povoados. Com ele seguiam seus discípulos e também o grupo das

mulheres (Lc 8,1-2). Na época de Jesus não havia os meios de transporte de hoje. Jesus ia ao encontro das pessoas, tinha compaixão diante das suas dores

e sofrimentos (Mc 6,34), sempre atento aos caídos à beira do caminho (Mc 10,46; Lc 10,30) e assim as caminhadas passaram a ser lugares e momentos de encontro, convivência e partilha. Jesus se revela como o caminho (Jo 14,6). Diante dos discípulos de Emaús, que caminhavam tristes, Ele se inseriu na caminhada, tornou-se companheiro e transmitiu a esperança e a coragem (Lc 24,13-35). Assim, nós, hoje, podemos afirmar que “caminhamos na estrada de Jesus”, porque temos a certeza que Ele também caminha conosco.

O Apóstolo Paulo e seus companheiros, por sua vez, levaram a boa notícia de Jesus ao mundo das grandes cidades andando a pé, a cavalo, de navio e outros meios da época (ver perigos das viagens em 2, Cor 11,23, ss). E assim o Evangelho espalhou-se até os confins da terra (At 1,18).

A mensagem do Evangelho e a proposta do Reino que Jesus anunciou tinham um objetivo: “que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). Isso nos desafia a olhar sobre o mundo contemporâneo do caos do transporte público e privado, das grandes cidades marcadas pelas superlotações, engarrafamentos, trânsito violento que causa mortes, deixa feridos e provoca poluição, stress e outras doenças.

Os moradores da Mooca são desafiados hoje a enfrentar e exigir respostas para o problema da mobilidade urbana: criar mecanismos de luta, organizar a população para lutar por um transporte mais digno, por investimentos públicos, fim dos monopólios e que o transporte urbano não seja apenas fonte de lucros, mas prestação de serviço público. É diante desta realidade que nós, cristãos, somos chamados a “atuar à maneira de fermento na massa para construir uma cidade temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus” (Documento de Aparecida 505).

A discussão sobre a mobilidade nos remete diretamente à CAMPANHA DA FRATERNIDADE, 2019 – Políticas Públicas: “resolução de problemas”.

Há cinquenta e seis anos que os bispos da Igreja Católica no Brasil escolheram a Campanha da Fraternidade (CF) como parte integrante dos exercícios quaresmais, na reflexão bíblica, mas também a partir de cada realidade estamos vivenciando no momento. Este ano o tema recaiu sobre as Políticas Públicas, e, obviamente, a Mobilidade dos indivíduos da Moóca está inserida neste contexto. Só haverá mobilidade cada vez melhor a todos os cidadãos se as políticas públicas dos responsáveis pela administração do município forem no sentido de pensar a sociedade como um todo.

As políticas públicas podem ser equiparadas ao jejum que Deus prefere: – quebrar as cadeias da injustiça e livrar o oprimido do jugo da opressão, repartir o pão com o faminto, acolher o desabrigado, vestir o que está nu (Is 58,6-7; Texto Base da CF-2019, 121

A Campanha da Fraternidade, de 2019, tem basicamente dois sentidos: o primeiro, um significado penitencial religioso: despertar o espírito cristão da penitência e da conversão do povo de um pecado social que contradiz o Evangelho de Jesus Cristo, por afetarem a vida da maioria da população; o outro, um sentido penitencial social: despertar a consciência para o compromisso cidadão, através de gestos concretos para a resolução desses problemas.

O que de fato a CNBB almeja com esta Campanha da Fraternidade de 2019 é que os problemas que a população enfrenta no seu dia-a-dia sejam resolvidos; e que o dinheiro público (nosso) seja aplicado em benefício de todos, especialmente dos mais pobres, nas áreas da saúde, educação, segurança, moradia, emprego, renda, mobilidade, seguridade alimentar, saneamento básico, previdência social e cuidado com a casa comum, entre outras, inclusive a questão da mobilidade urbana. É missão da Igreja prestar todo apoio para obtenção desses serviços à sociedade.

## Agir

Verifica-se que muito há que ser feito para que o direito de ir e vir seja respeitado e garantido para todas as pessoas. Sugerimos começar por alguns pontos:

- Acionar o poder público

Através de um ofício ( em anexo ) buscamos saber onde e como será aplicado o dinheiro destinado para a revitalização das calçadas aqui no bairro, bem como solicitar a participação da sociedade civil nessas decisões.

- Realizar campanhas

Através de folders e palestras em escolas, igrejas e entidades de ação pública visando conscientizar a população da importância de garantirmos uma boa caminhabilidade nas calçadas. Como a responsabilidade pelo passeio é do proprietário do lote ele deve ter consciência de sua importância na garantia do direito de ir e vir dos pedestres.

- Acionar a Câmara de vereadores

Marcar encontros com vereadores, eleitos na região, para que se somem à causa e nos apoie nas reivindicações feitas ao poder público.

Anexo

São Paulo 4 de novembro de 2019

*Excelentíssimo Senhor Edson Brasil  
Sub prefeito da Mooca*

**Assunto: Solicitação de participação na discussão nas decisões de mobilidade na região da Mooca.**

Senhor,

O grupo de estudos da Escola de Fé e Política Waldemar Rossi escolheu por tema de TCC a mobilidade urbana na mooca por esse motivo solicitamos a participação na discussão sobre a utilização da verba para a revitalização do calçamento do bairro. Gostaríamos de saber quais vias serão escolhidas e quando as obras se iniciarão. Gostaríamos também de fazer um acompanhamento dessas obras.

Atenciosamente

Albino Barzi

Cilei Andrade Barzi

Genice Padilha

Maria Madalena Andrade

Maria de Fátima Menezes dos Santos

Sandra Ramalhoso

Fonte de pesquisa :

**Bibliografia:**

Atlas Ambiental da Prefeitura de São Paulo

Rede Nova São Paulo

Programa Cidades Sustentáveis – Guia GPS – maio de 2016

Texto Base Campanha da Fraternidade de 2019.

Site: [clebertoledo.com.br](http://clebertoledo.com.br)

[cebsdobrasil.com.br](http://cebsdobrasil.com.br)